



## **A FUNÇÃO SOCIAL DOS LIVROS INFANTIS COM PROTAGONISTAS/PERSONAGENS NEGROS**

**Thamiris Adão Ferreira da Silva<sup>1</sup>, Jovana Aparecida da Silva<sup>2</sup>, Lídia Maria  
Nazaré Alves<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Graduanda em Letras pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Campus Carangola/MG. [thamiris\\_ferreira@yahoo.com](mailto:thamiris_ferreira@yahoo.com)

<sup>2</sup>Graduanda em Letras pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Campus Carangola/MG. [jovanaapsilva@gmail.com](mailto:jovanaapsilva@gmail.com)

<sup>3</sup>Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense; Professora da UEMG, UNIFACIG, FADILESTE. [lidianazare@hotmail.com](mailto:lidianazare@hotmail.com)

**Resumo:** Este artigo visa abordar aspectos que permeiam a literatura infanto-juvenil e sua função social para com o público negro. Grupo este que corresponde a maior parcela da população brasileira. Além disso, vamos visibilizar alguns livros que trazem personagens protagonistas negras e que trabalham a questão da representação/valorização da etnia africana, bem como sua cultura e costumes. O presente artigo foi desenvolvido ante a necessidade de viabilizar a expansão de representação do público negro por meio de obras literárias, para isto, o estudo será baseado em ideias e pressupostos de teóricos que possuem importância significativa para a construção da análise a ser realizada. Sendo assim, os objetos a serem estudados serão de fontes primárias como trabalhos acadêmicos, artigos, livros e afins, que foram selecionados, os quais contribuirão para comprovar a importância da veiculação de livros que possuam em si representações referentes ao público negro, uma vez que ao possuírem, podem denotar caráter de cunho social.

**Palavras-chave:** Literatura; Infanto-juvenil; Função social; Negros.

**Área do Conhecimento:** Ciências Humanas

### **1 INTRODUÇÃO**

Neste artigo encararemos o texto literário como um espaço de representação social de modo a evidenciar a ligação direta que o Brasil possui com a África, ligação que não é da consciência de muitos brasileiros e, também, africanos. O elo estabelecido entre as duas nações revela-se, devido suas características comuns com as do povo colonizador, de ambos os países, ou de pelo menos boa parte deles, ou seja, Portugal.

A população negra, embora seja maioria no Brasil, ainda hoje não é bem representada nos veículos midiáticos usuais, dentre os quais, encontram-se os livros. Atentemo-nos, especificamente, aos livros infantis, de que maneira as crianças afrodescendentes formarão sua identidade, auto-aceitação e valorização de seu povo e cultura, sem pontos de referência ou algo para se espelharem? É justamente este aspecto que o presente artigo visa abordar. O livro infantil torna-se muito importante, principalmente os que apresentam personagens negras, como protagonistas de sua própria história, livros que exaltam a beleza e a cultura do povo africano que foram rechaçadas ao serem trazidas para Brasil, durante o processo de escravização, bem como posteriormente. Como afirma a professora Nelly Novaes Coelho (COELHO, 2000) “é ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e jovens.” Então, cabe aos professores e pais tornar possível às crianças o acesso aos livros infantis que as representam, seja por sua cor, condição social, contexto familiar. Permitindo-lhes, deste modo, desde o início, maior desenvolvimento pessoal e enriquecimento cultural. Pois, continuando, a crítica supracitada afirma que a Literatura Infantil é a

Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação



integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo (COELHO, 1991, p. 5).

Para isso, elaboramos o seguinte problema: A carga cultural similar de colonização influenciou diretamente na aproximação do Brasil com a África, embora o processo de apoderamento dos territórios não tenha se dado de forma igualitária. Os resquícios culturais do país colonizador permaneceram em ambas as nações. E não somente permaneceram, como também, contribuíram para que, durante o processo migratório de escravos, chegasse e se estabelecesse no Brasil, características próprias da África, como a culinária, crenças, cultura, além de diversificadas manifestações da língua portuguesa e religião, oriundas de Portugal. Diante disso, pergunta-se: Considerando-se a relação entre as culturas ser um fato, a literatura pode servir de instrumento para apresentar à sociedade atual essa proximidade, de forma a contribuir para o desenvolvimento da identidade da criança negra, em sala de aula e na sociedade?

Uma possível resposta para essa questão é que a Literatura possui cunho educacional, sendo capaz de transmitir informações de formas diversas. Além de ser um veículo comunicacional capaz de disponibilizar liberdade ao ser humano, auxiliando no seu desenvolvimento psicológico, tornando possível que o homem conheça não somente um único mundo, mas qual ele quiser, por meio de seu imaginário.

Este artigo se justifica porque, como alunas do curso de Letras, entendemos que a Literatura, com as teorias que sustentem as leituras, constitui um espaço de experimentação que contribui para o amadurecimento das interpretações. Noutro ponto, como cidadãs, acreditamos que este artigo possa colaborar para a ampliação da discussão acerca da representatividade na literatura, em especial no que diz respeito aos negros como protagonista de sua própria história. Sendo assim, nosso objetivo é realizar uma pesquisa de cunho bibliográfico, abordando os aspectos que circundam o negro na literatura infantil e propor novos meios para que, de fato, haja a inserção de personagens ligados à África, uma vez que a população negra e mestiça no país é predominante. Os autores que iluminarão a discussão serão o professor, sociólogo e crítico-literário Antônio Cândido (1999), que aponta a literatura como um caminho para a libertação e formação do homem, pensamento congruente com a temática do artigo em questão. Além de fazermos uso das palavras do psiquiatra e filósofo de ascendência francesa e africana Frantz Fanon (2008) e do escritor malinês Amadou Hampâté Bâ (2010). E também, não menos importante, a professora, ensaísta, crítica literária autora de livros infantis, Nelly Novaes Coelho (2000).

O artigo está desenvolvido à luz de escritores renomados da área da literatura brasileira. Como suporte utilizaremos a obra infantil “O Menino Marron” (1986) do escritor mineiro Ziraldo Alves Pinto, que é uma das quais buscamos abordar, uma vez que em seu conteúdo é encontrado cunho descritivo de crianças, principalmente negras, ou marrons, como o próprio autor criativamente aborda. Além de ser uma obra altamente interativa entre o autor-narrador e o leitor, o que auxilia na proximidade e relação com o público infanto-juvenil. Entre outras obras como “O cabelo de Lelê”, da autora Valéria Belém, “Menina bonita do laço de fita”, de Ana Maria Machado, “As tranças de Bintou”, de Sylviane Anna Diouf, “Maju não vai à festa”, de Monica Pimental, e “O desafio de Santcho Fula: o macaquinho” de Lídia Maria Nazaré Alves e Aparecida Gomes Oliveira, que também contam histórias de personagens infantis negras, com leveza, e resgata raízes culturais africanas.

## **1 A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA TRADICIONAL**

Desde os inícios da literatura brasileira, havia a representação da realidade nos textos, porém esta realidade não era totalmente fiel, pois o negro quase nunca aparecia, mesmo sendo a maioria da população brasileira, há vários séculos. Quando acontecia de encontrar relatos ou personagens propriamente ditos negros na literatura, era sempre em papéis subalternos e apresentados como inferiores às demais pessoas da história ou da obra em questão. Como bem afirma o professor Domício Proença Filho:

Como os demais grupos étnicos, ele é parte da comunidade que fez e faz o país. Se a luta em que se empenha se tornou e continua necessária, isto se deve, como é sabido, ao fato de ter-se tornado alvo de tratamento social e historicamente discriminatório. (PROENÇA FILHO, 2004.)



Devido aos fatos históricos ocorridos, envolvendo os negros trazidos da África, o menosprezo por esses cidadãos e a desvalorização da sua cultura, ainda hoje há resquícios do período, marcado pela colonização e utilização de mão de obra escrava, a fim da obtenção de lucros do colonizador português. Marcas essas que refletem em todos os seguimentos sociais e também na literatura que os mimetiza. Nos livros didáticos e na maioria das obras em que os negros aparecem, por exemplo, apenas a história dos vencedores é contada, a do colonizador, que saiu vitorioso de uma situação na qual os colonizados nem tiveram chances de lutar ou resistir, esquecendo-se de que o povo que foi subjugado, antes possuía uma vida, uma história e uma cultura.

Uma vez que o povo brasileiro é composto por uma mistura de raças, povos e etnias, a história e veiculação da literatura, que mostra a sociedade, deveria representar a versão do colonizador e do colonizado, valorizar suas contribuições para a nação, bem como as suas origens. Mas por vezes, a história do povo negro é contada e repassada adiante apenas superficialmente, nas escolas, e isso faz com que as crianças e jovens se distanciem cada vez mais da cultura afro-brasileira e da tradição negra à qual a maioria pertence.

Desse modo, Araujo (2007, p.5) ressalta a relevância da necessidade de que a história do povo africano seja reconhecida, pois está intensamente atrelada a nossa cultura brasileira, que por sua vez abraçou para si costumes de um povo que até então não era devidamente contemplado de forma merecida, tendo traçado um caminho de muitas lutas, que fora construído historicamente de forma silenciosa.

Assim, diante do cenário da literatura nacional, há alguns anos, era possível observar que o pouco espaço destinado ao negro era para ocupar os lugares de serviçais nas casas de pessoas da elite, empregados que serviam aos patrões, ou então quando protagonistas, eram retratados como moradores de favelas e cortiços em meados do século XX, vivendo em condições precárias e lidando com as mazelas do cotidiano da época, onde havia caos e situações extremas. Contexto bem diferente das obras com personagens protagonistas brancos com traços europeus, cuja história era contada com mais leveza e encantamento, muito proveniente da alegoria associada aos contos de fadas, nos quais quase não se vê personagens negros e a vida transcorre com harmonia. O ponto deste artigo é este contraste existente nas obras literárias, mas especificamente a função social das obras infantojuvenis com personagens protagonistas negras, a representatividade inerente a elas e seu valor cultural para as crianças e jovens.

## **2 A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA MODERNIDADE/CONTEMPORANEIDADE**

Como visto, a literatura tradicional ainda carece de personagens negros ou que remetam às raízes africanas. O estudo da história da África muitas vezes é deixado de lado, bem como sua contribuição cultural para a atual sociedade, assim, a contemporaneidade se viu obrigada a voltar um olhar, mesmo que de rastro, à história deste povo tão antigo e rico culturalmente. Por conta disso, em 9 de janeiro de 2003 foi sancionada a Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino sobre a História e a Cultura Afro-Brasileira, nas instituições de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares no Brasil. Além da inclusão do dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra' no calendário escolar.

O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (BRASIL, 2003, on-line).

Esta lei foi um dos aspectos responsáveis pelas representações da criança negra na literatura, tanto que pouco depois, houve a publicação de alguns livros do gênero, como "O cabelo de Lelé" (2007), da autora Valéria Belém, e "As tranças de Bintou" também do mesmo ano, de Sylviane Anna Diouf, além das obras recentes "Maju não vai à festa" (2016), de Monica Pimental, e "O desafio de Santcho Fula: o macaquinho", de Lídia Maria Nazaré Alves e Aparecida Gomes Oliveira, de 2019, que visamos abordar neste artigo.



Os estudos de literatura infanto-juvenil nos instigaram a buscar outros livros, que embora pouco circulados, trazem representações positivas do negro para a sociedade, uma vez que mais do que nunca é necessário dissipar o preconceito racial, ainda existente na sociedade, sobretudo, praticado pela camada que se julga dominante e superior às outras, simplesmente por possuir pele clara e maior poder aquisitivo. Marcas deixadas pela escravidão, pois “o Brasil foi o último país independente do Ocidente a dar fim a esse regime, após muita relutância dos que por ela se beneficiavam”, de acordo com David Brookshaw (1983, p.24). Embora tenha sido abolida há mais de um século, os descendentes dos africanos ainda recebem julgamentos e olhares tortos na sociedade preconceituosa em que vivemos, neste contexto, a literatura se faz necessária, uma vez que ela é capaz de driblar o preconceito e abrir espaço para amplas discussões acerca de tudo o que nos rodeia e que gera divergência de pensamentos.

No que diz respeito ao início da literatura infantojuvenil no Brasil, a professora Suely Dulce de Castilho (2004) aponta:

No Brasil, Monteiro Lobato foi o precursor da Literatura Infanto-Juvenil. Foi um escritor brilhante que emocionou gerações. Inovou em suas narrativas dando às crianças iniciativas criadoras, irreverência, amor, compromisso, com a invenção e com a liberdade, direito ao questionamento, revelou suas inquietações, enfim, humanizou as crianças através dos personagens (Emília, Pedrinho, Narizinho) e levou ao conhecimento das crianças uma visão política do Brasil (2004, p.41).

Desse modo, nota-se a importância da literatura para a formação das crianças, além da necessidade da representação delas nas obras literárias. Como dito acima, a maioria da população brasileira é afrodescendente, então faz todo o sentido introduzir personagens e histórias que se relacionem com as origens afro-brasileiras e africanas de fato, para que as crianças e jovens se vejam realmente representadas física e culturalmente, se valorizem mais e resgatem/criem um vínculo com as suas raízes tão pouco exploradas.

Neste sentido, apresentamos em ordem cronológica as obras abordadas neste estudo, “O Menino Marrom” (1986) do escritor mineiro Ziraldo Alves Pinto, que em seu conteúdo de caráter descritivo, destaca crianças, principalmente negras, ou marrons, como o próprio autor criativamente menciona. Ao longo do livro, Ziraldo aponta as características físicas do menino marrom, com toque de leveza e poesia, brinca com as palavras e traz humor à literatura infanto-juvenil já os anos 1980, além de focar a representatividade da criança negra a literatura, o que foi algo inovador na época.

O autor inicia o texto da seguinte maneira:

Era uma vez um menino marrom. Ele era um menino muito bonito. Acho que dá para se ter uma ideia pelo desenho (que está logo aí, na virada da página 4). Caprichei no desenho do menino, mas acho que ele era muito mais bonito pessoalmente. Vou ter até que ajudar com algumas informações, que é para a descrição do menino marrom ficar mais completa. Sua pele era cor de chocolate. Chocolate puro, não aqueles misturados com leite (não gosto de chocolate com leite, daí achar a cor do chocolate puro mais bonita). Os olhos dele eram muito vivos, grandes. As bolinhas dos olhos pareciam duas jabuticabas: pretinhas. Aliás, pretinhas, não. Jabuticabas não são pretas. Para falar a verdade, tem muito pouca coisa realmente preta na natureza. (ZIRALDO, 2013, p.3)

Ao valorizar as características do Menino Marrom, Ziraldo implicitamente faz menção a todo um povo que vive às margens da sociedade por conta do preconceito racial somático de séculos na sociedade. Para a época em que foi publicado e ainda nos dias de hoje, este livro possui muita relevância, pois exalta algo que todos olham, mas não percebem, realmente, que é a beleza das pessoas negras, os traços africanos e a carga milenar de cultura e tradição estampados na pele.

Acerca da descrição da cor do menino, Israel Pedrosa (2014) pondera:



Percebemos, desde já, um comentário definitivo sobre a cor particular do menino. O narrador procura situar os leitores dentro da percepção exata, ou melhor, na cor crua (já que falamos de cores) exata a que ele quer se referir. De acordo com Israel Pedrosa: a cor não tem existência material: é apenas sensação produzida por certas organizações nervosas sob a ação da luz – mais precisamente, é a sensação provocada pela ação da luz sobre o órgão da visão. Seu aparecimento está condicionado, portanto, à existência de dois elementos: a luz (objeto físico, agindo como estímulo) e o olho (aparelho receptor, funcionando como decifrador do fluxo luminoso, decompondo-o ou alterando-o através da função seletora da retina). (2004, p.20.)

Prossigamos nossa abordagem com a análise de outro livro da mesma temática e época, “Menina bonita do laço de fita” (1986), de Ana Maria Machado, que conta a estória de uma menina negra e de um coelho branco que deseja ter uma filha com a cor que ele tanto admira na menina, bem pretinha como descrita na obra.

Era uma vez uma menina linda, linda. Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes. Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa, que nem pelo da pantera-negra quando pula na chuva. (MACHADO, 2001, p.3.)

A descrição que exalta os traços da menina e a beleza dela, sendo negra, ia contra ao ideal de beleza europeia, mas, mesmo assim, a obra teve grande circulação e resistiu ao tempo, sendo utilizada nas salas de aula até hoje. A função social dessa obra é justamente destacar o belo do povo negro, da menina em questão, uma vez que atualmente há milhares de meninas negras nas escolas que não se julgam bonitas como as de pele clara. Esta obra serve de apoio para quebrar o tabu de que o branco é superior, mais bonito e que a cultura europeia é melhor. Sendo que cultura é diversidade, não há melhor nem pior, apenas aspectos diferentes das tradições que caracterizam um determinado povo.

Acerca da arte que evidencia os problemas histórico-sociais do Brasil, Antonio Candido (2000), revela que

A arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles sentimentos dos valores sociais. (2000, p. 20)

Analisamos também um trio de obras que se assemelham por sua temática, mas que ao mesmo tempo são singulares pela maneira de contar as histórias e descrever as características dos protagonistas infantis negros. São elas: “O cabelo de Lelê” (2007), da autora Valéria Belém, “As tranças de Bintou” (2007), de Sylviane Anna Diouf, e “Maju não vai à festa” (2016), de Monica Pimentel, essas obras têm em comum o caráter expositivo, e faz com que a criança se sinta representada, pois no início destes livros, as personagens não se identificam com o cabelo crespo que possuem, desconhecem sua origem e querem mudar a aparência dele por conta disso. E, infelizmente, essa é a realidade de muitas meninas afro-brasileiras e que por essa razão, além da pele negra, possuem baixa autoestima devido ao cabelo encaracolado. Os livros apresentados aqui têm a função de quebrar este paradigma, do estereótipo do modelo europeu que dita a aparência, do cabelo considerado bonito, sendo o liso ou ondulado. O que pontua Silva (1995), ao abordar que a criança, sendo negra ou branca, cria um autoconceito a partir de sua colocação na sociedade, por meio dos julgamentos e comparações aos quais é exposta, assim tornando-se sensível aos modos de tratamento dos outros sujeitos de seu meio social, que por sua vez, proporciona a concepção da própria imagem corporal, além da autoestima ligada a ela.

Ao longo dos livros, as personagens vão se descobrindo, buscam suas raízes e entendem o porquê de possuírem tais características físicas, como herança genética de povos africanos tão antigos, belos e ricos culturalmente. É essa provocação que estes textos visam causar, o reconhecimento da origem das crianças e jovens, o sentimento de pertencer a um grupo social, a sua raça de fato, com olhar consciente de sua história e contribuição para a cultura brasileira.



Uma vez que as crianças tenham acesso aos livros como esses, que as representem, a visão delas sobre si próprias tendem mudar, afinal só se gosta daquilo que se conhece e como afirma Silva (2010):

Nesta perspectiva, a literatura infantil afrobrasileira colabora para a construção de um imaginário infantil em que a criança se sente representada em um enredo cujo personagem principal é negro, o que permite que ela reconheça sua origem e construa uma identidade positiva de si. (SILVA, 2010.)

### **3 FORMAS ALEGÓRICAS DE REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO LIVRO “O DESAFIO DE SANTCHO FULA: O MACAQUINHO”.**

Passemos para outro tipo de representação do negro na literatura infantojuvenil, sendo realizada por meio de alegorias. Primeiramente, vamos apresentar o conceito de alegoria. Uma alegoria é aquilo que representa uma coisa, para dar a ideia de outra, através de uma ilação moral, ou seja, uma história utilizada para trazer um preceito de cunho moral. Há autores que defendem a existência de dois tipos de alegorias, um deles é o estudioso Hansen (2006), que afirma:

A rigor, [...] não se pode falar simplesmente de “a alegoria”, porque há duas: uma alegoria construtiva ou retórica, uma alegoria interpretativa ou hermenêutica. Elas são complementares, podendo-se dizer que simetricamente inversas: como expressão, a alegoria dos poetas é uma maneira de falar e escrever; como interpretação, a alegoria dos teólogos é um modo de entender e decifrar. Nos seus estudos sobre Dante, C. S. Singleton escreve que a alegoria expressiva é intencionalmente tecida na estrutura da própria obra de ficção – ou, como diz R. Hollander, ela é “criativa”, ao passo que a de interpretação é “crítica”. O verbo grego *allegorein*, por exemplo, tanto significa “falar alegoricamente” quanto “interpretar alegoricamente”. (2006, p.8)

Este capítulo trata-se da alegoria interpretativa, que praticamente se utiliza de metáfora para expor determinado assunto ou situação. Tomemos como elemento de análise a obra “O desafio de Santcho Fula: o macaquinho” (2018), de Aparecida Gomes Oliveira e Lídia Maria Nazaré Alves, que escrevem com o intuito de valorizar a cultura africana, mais especificamente a região da Guiné-Bissau. Na obra há traços da língua crioula e dos valores africanos, o que legitima o povo e a tradição local apresentados no livro infantil. Além disso, tais aspectos são formas alegóricas de representação do negro, porque embora se trate de diálogos e situações entre animais, e tenha uma moral ao final da leitura, há na obra alegorias que representam o negro por meio de metáforas, uma vez que o macaquinho Santcho é inicialmente menosprezado e tido como inferior pelos outros, no livro pela bela e elegante Girafa e pelo forte e robusto Leão. Que remetem à vivência do negro na sociedade, o fato de muitas vezes ser visto como inferior pelos colonizadores e seus pares, ao longo da história, e pela camada dominante, sendo o negro representado pelo macaquinho e as outras pessoas que o subjugam, pela Girafa e pelo Leão. Esta estória nos faz refletir, ao passo que no decorrer da trama, Satcho propõe um desafio que é descascar uma banana, o que os animais que zombavam dele não conseguem fazer, assim, como desfecho temos a moral do que o desafio visibiliza que todos têm algo próprio, especial, que deve ser compartilhado e valorizado por nós mesmos e pelos demais, além de respeitar as diferenças, e de exaltarmos as habilidades e talentos uns dos outros. O livro é recomendado a todos, mas principalmente para as crianças em idade escolar, pois por meio da alegoria em forma de metáfora trazida na obra, a criança é capaz de vê-se representada, de interpretar seu ensinamento, internalizar tal lição e adotá-la para si.

### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nossa proposta foi apontar a literatura como um espaço de representação que contempla a criança negra como protagonista de sua própria história, a fim de oferecer-lhe um espelho fictício que possa intermediar a formação de sua identidade, de forma positiva, por meio do realce dos aspectos



que enaltecem a sua cultura original, a partir das análises discursivas e pictóricas das obras selecionadas.

Como vimos, ainda há um longo caminho a percorrer a respeito da representatividade do sujeito negro e principalmente de crianças no cenário literário, porém, os livros que apresentamos aqui, dois deles clássicos da literatura infantil e publicados nos anos 1980, além dos mais recentes e igualmente renomados, nos mostram que a literatura infantojuvenil tem tudo para se adequar ao público leitor, ao passo que as pessoas e principalmente as crianças em formação tenham acesso aos livros que as representem e contêm histórias do povo colonizado, as raízes africanas e afro-brasileiras, segundo o olhar do povo original.

É fato que os africanos tiveram um papel importante na formação cultural brasileira, pois por meio da inserção de suas práticas e seus costumes, contribuíram para a formação de uma identidade cultural afro – brasileira ainda existente e que necessita de mais visibilidade e resgate das tradições, atestamos que a literatura é um bom caminho para isso, sobretudo a infantojuvenil que se enquadra no período de formação identitária do leitor e faz com que ele se reconheça como pertencente a um povo rico histórica e culturalmente.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Emanuel. **Viva Cultura, Viva o Povo Brasileiro**. Museu Nacional: São Paulo, 2007.

BÁ, A. Hampaté. **A tradição viva**. KI-ZERBO, Joseph. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

BRASIL. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BROOKSHAW, David. **Raça & cor na literatura brasileira**. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1983.

CANDIDO, Antonio. **Direitos Humanos e literatura**. In: A.C.R. Fester (Org.) *Direitos humanos E...* Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Queros, 2000.

CEIA, C. Sobre o conceito de alegoria. In: Matraga. Ponta Grossa, PR, 1998, v.10. Disponível em <<http://www.pglettras.uerj.br/matraga/nrsantigos/matraga10ceia.pdf>>. Acesso em: 25 de set. 2019.

CASTILHO, Suely Dulce. A Representação do Negro na literatura Brasileira. **Novas Perspectivas**, v.7 nº01, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.

HANSEN, J.A. **Alegoria: construção e interpretação da metáfora**. Campinas: Unicamp, 2006, p.7-36.

OLIVEIRA, Aparecida Gomes, Alves, Lídia Maria Nazaré. **O desafio de Sancho Fula: o macaquinho**. 1ª edição, Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

PEDROSA, Israel. **Da cor à cor inexistente**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2014.



PIMENTEL, M. **Maju não vai à festa**. 2016.

PROENÇA FILHO, Domício. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. São Paulo: Scielo Brasil, 2004.

SILVA, A. C. da. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In: KABENGUELE, M. **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 21-38. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo\\_escola.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf). Acesso em: 03 out. 2019.

ZIRALDO. **O Menino Marrom**. 32ª Edição. São Paulo: Melhoramentos, 2004.